O Ano de todas as Negociações

Alexandra Prado Coelho

O maior receio de Arafat é ver o processo de paz israelo-palestiniano ser relegado para segundo plano pelo processo com a Síria.

Se tudo correr como previsto, 2000 pode ser um ano histórico para o Médio Oriente. Israel poderá assinar um acordo definitivo com os palestinianos em Setembro e, talvez, a paz com a Síria antes do final do ano, resolvendo no mesmo "pacote" a problemática situação no Sul do Líbano. Tudo isto está, no limiar do novo milénio, ainda no plano das intenções.

As últimas semanas de 1999 foram marcadas pela euforia, depois de Bill Clinton ter provocado a surpresa ao anunciar o recomeço das negociações entre sírios e israelitas, interrompidas desde 1996. Subitamente parecem criadas as condições ideais. Em Israel, o primeiro-ministro Ehud Barak goza de uma confortável popularidade, reforçada pelo facto de, até agora, estar a cumprir as promessas que fez: avançar com o processo com os palestinianos e retomar o diálogo com a Síria. Embora neste momento a maioria dos israelitas ainda se declare contrária a uma retirada dos montes Golã, um território sírio ocupado por Israel em 1967 e anexado em 1981, parece possível que, quando chegar o momento de referendar a questão, a maioria vote a favor. Tudo depende das vantagens que Barak apresentar: um relacionamento normal e pacífico com a Síria e o Líbano, a fronteira Norte do Estado judaico (aquela em que morrem mais soldados israelitas todos os anos) finalmente pacificada, a possibilidade de estabelecer relações com outros países árabes, nomeadamente a Arábia Saudita, e – fundamental – um bom pacote de ajuda financeira americana.

A possibilidade de uma retirada militar israelita da faixa de segurança que ocupa no Sul do Líbano, em troca de uma garantia de que o movimento xiita pró-iraniano Hezbollah acabará com os ataques ao Norte de Israel (e só a Síria pode pressioná-lo para isso), é particularmente importante para Israel, onde o Governo se vê confrontado com um crescente movimento de oposição à ocupação do Sul do Líbano.

Mas, mais ainda do que para Israel, este parece ser o momento certo na Síria. O estado de saúde do presidente Hafez al-Assad está a agravar-se e ele começou já a preparar o seu filho Bashar para lhe suceder. Assad gostaria de concluir um acordo com Israel antes desta transição, até porque depois da sua morte Bashar vai ter muitos outros problemas para resolver. O filho do líder sírio está longe de gozar da legitimidade do seu pai, e o irmão de Assad, Rifaat (exilado na Europa), não esconde as suas ambições.

Defensor de uma liberalização económica no país, Rifaat conta com alguns apoios e mostra-se cada vez mais activo na cena internacional. Enquanto Bashar é visto como um jovem inexperiente e pouco seguro (durante anos Assad preparara o seu filho mais velho para lhe suceder, mas quando este morreu num acidente viu-se obrigado a apostar em Bashar, que estudara para ser dentista), o filho de Rifaat, Sumer, promove-se através de um canal de televisão por satélite que dirige a partir de Londres. Se a autoridade de Bashar não estiver consolidada no momento em

que Assad morrer, a Síria corre o risco de entrar numa fase de grande instabilidade, com lutas familiares tendo como pano de fundo uma situação económica bastante desastrosa e o enorme descontentamento da maioria sunita do país, cansada de ser governada pela minoria alauita.

Se a evolução da situação interna na Síria pode constituir um perigo para Israel, os problemas dos palestinianos também – embora neste caso os Israelitas tenham muito mais instrumentos para evitar um agravamento da situação. O maior receio de Yasser Arafat é ver o processo de paz israelo-palestiniano ser relegado para segundo plano pelo processo com a Síria, não só por parte de Israel, mas também dos Estados Unidos.

Barak, Clinton e a comunidade internacional – e aqui convém lembrar o papel que a União Europeia poderia desempenhar de forma mais activa nesta região – devem perceber que, enquanto Arafat continuar a ser pressionado recebendo muito pouco em troca, a tendência será para aumentar os instrumentos de repressão dentro dos territórios palestinianos, para por um lado se defender do descontentamento crescente, e por outro ir dando resposta às exigências de Israel. Em cima da mesa das negociações israelo-palestinianas vão estar a partir de agora as questões mais difíceis: os refugiados, os colonatos, o estatuto de Jerusalém, as fronteiras de um futuro Estado palestiniano. Questões que não vão poder continuar a ser adiadas.